

UMA HISTÓRIA SOMBRIA E ATMOSFÉRICA
DE SEGREDOS MORTAIS E AMOR PROIBIDO



Noctheadia

KERI LAKE

TOP
SEL
LER

Playlist

«You're All I Want», Cigarettes After Sex
«Liar», Paramore
«Memento Mori», Nathaniel Drew X Tom Fox
«Goodnight Baby», Tarune
«Achilles Come Down», Gang of Youths
«Please», Omido, Ex Habit
«You, The Ocean and Me», Thalles
«Without You», Lana Del Rey
«Glass In The Park», Alex Turner
«Sleepwalk», MOTHICA
«bad idea!», girl in red
«Feel Real», Deptford Goth
«The Secret History», The Chamber Orchestra of London
«Two Evils», Bastille
«Bloodstream», Stateless
«The French Library», Franz Gordon
«She's Thunderstorms», Arctic Monkeys
«Crave You», Robinson
«Crush», Sebastian Paul
«Misery», Michigander
«October», Broken Bells
«Sextape», Deftones
«I Would», Coin
«Romantic Homicide», d4vd
«nostalgia», Teodor Wolgers
«we fell in love in October», girl in red
«Melancholia», Daniel Paterok, Roman Richter
«Cinnamon Girl», Lana Del Rey
«Make Me Feel», Elvis Drew
«Old Letter», Imaginary Poet

«Run», Coin
«Without You», Omid, Bibi Silvja
«Reflections», Toshifumi Hinata
«Shakespeare», Fink
«Tell Me The Truth», Two Feet
«RU Mine», Arctic Monkeys
«Fuck Em Only We Know», Banks
«Knee Socks», Arctic Monkeys
«Not Just A Girl», She Wants Revenge

Nota da Autora e Avisos de Conteúdo

Bem-vindo, caro Noctician,

Muito obrigada por dar uma oportunidade ao meu livro. Espero que goste da história do professor Bramwell e da Lilia. Antes de mergulhar neste mundo, gostaria apenas de referir que certos elementos apresentados ao longo do livro são completamente fictícios, incluindo o organismo, a condição médica do professor Bramwell e a espécie de traça. Para manter a consistência com a patologia, as condições médicas e os sintomas descritos são também fictícios. Incluí um glossário para referência rápida.

Além disso, tomei algumas liberdades com o passado e a profissão do professor Bramwell, bem como com o seu laboratório, para que se adequassem à história que eu queria contar. Reconheço que aquele laboratório nunca passaria no processo de acreditação.

Este é um *dark romance* gótico passado num meio académico. Portanto, pode esperar encontrar elementos sobrenaturais subtis, um cenário sombrio e atmosférico, um romance lento, um protagonista masculino temperamental, ao estilo de Byron e moralmente ambíguo, e ainda uma pitada de mistério. Como a maioria dos meus romances góticos, esta é uma história independente, e, como não pretendo escrever mais livros sobre este casal, decidi mantê-lo cativo neste mundo por mais algum tempo.

Um aviso...

Este livro contém uma série de situações que são possíveis gatilhos. Pode encontrar a lista completa de avisos de conteúdo — com spoilers — no meu site:

<https://www.kerilake.com/nocticadia-full-trigger-list>

Glossário e Traduções

Casteyon* — Elemento encontrado nas cavernas de pedra negra da ilha de Dracadia;

Planta de Jestwood* — Planta nativa de Dracadia, considerada venenosa em doses altas;

Nocticadia* — Nome atribuído ao Laboratório da Meia-Noite que se dedica especificamente ao estudo de Noctisoma;

Noctisoma* — Vermes pretos e compridos, parasitas dos insetos, mas que afetam outras espécies. O hospedeiro natural é a traça de Sominyx;

Traça de Sominyx* — Uma espécie noturna da traça encontrada apenas na ilha de Dracadia e hospedeiro natural da Noctisoma;

Ácido estírlico* — Antisséptico descoberto pelo Dr. Nathaniel Stirling, feito a partir da planta de Jestwood, utilizado em experiências cruéis em pacientes;

Tapetum Lucidum — Sistema retrorrefletor biológico sensível à luz em invertebrados (normalmente não presente no olho humano, mas que é descrito como um sintoma da Noctisoma no livro);

Vonyxisis* — Escurecimento das veias que surge sob a forma de linhas pretas em traças e humanos infetados com Noctisoma;

Zigliomyositis/Doença de Voneric* — Doença neuromuscular congênita rara e que recebeu o nome de um famoso pintor, diagnosticado com a doença.

* Elemento ficcional do livro

Traduções

«Voulez-vous boire un verre, mademoiselle?»

Quer uma bebida, minha jovem?

**«Si vous comprenez, retrouvez-moi dans le placard
dans dix minutes.»**

Se me compreende, vá ter comigo ao roupeiro
daqui a dez minutos.

«Je comprends. Et je décline votre offre.»

Compreendo. Mas vou declinar a sua oferta.

Prólogo

Ilha de Dracadia

12 de outubro de 1753

O Lorde Adderly já tinha presenciado muitas mortes ao longo da sua vida. Sendo comodoro da Royal Navy, o cheiro pútrido havia-se prendido ao fundo da sua garganta mais vezes do que conseguia recordar-se. Já sentira na pele o toque superficial da sua respiração fria e vaporosa, com uma ânsia que faria tremer a maior parte dos homens.

O Lorde Adderly não temia a morte. Alguns homens haviam chegado inclusive a acusá-lo de a acolher com agrado.

Contudo, enquanto observava um fumo negro que ascendia por entre o nevoeiro e para lá das ondas revoltas do mar de inverno, um calafrio de medo percorreu-lhe o pescoço. Da língua pendia-lhe a ordem que se preparava para dar aos homens para que se afastassem daquele nevoeiro, quando, ao longe, a silhueta obscura da ilha surgiu por entre a névoa, dando lugar a uma formação rochosa em arco que pairava no horizonte como um dragão adormecido.

A meio caminho entre a costa de Massachusetts e a Acadia ocupada pelos franceses, a pequena ilha de Dracadia há muito tempo que era uma fonte de disputa. Um pedaço de terra que muitas pessoas defendiam ter pertencido, em tempos, aos britânicos. Só quando grande parte dos habitantes de Acadia abandonaram misteriosamente a ilha é que esta foi anexada como província de Massachusetts. Fora o próprio Lorde Adderly a liderar o ataque, já preparado para a batalha, caso os franceses regressassem para reclamar a vila de Emberwick na extremidade norte.

Mas isso nunca chegara a acontecer.

Os britânicos que lá se haviam instalado acabaram por sofrer uma série de desgraças pessoais e tinham abandonado a ilha, deixando Dracadia abandonada uma vez mais.

Como é óbvio, os rumores haviam-se espalhado. Alguns culpavam a tribo indígena Cu'unotchke, que havia fugido para as montanhas a Sul, de terem invocado os seus deuses pagãos. Fosse qual fosse a causa, especulações de espíritos malignos e doenças inexplicáveis haviam desincentivado a luta pela posse de Dracadia. Consequentemente, a ilha não havia albergado mais do que os hereges que para lá tinham sido exilados. Os piores ofensores das doutrinas sagradas.

O Lorde Adderly não desviou o olhar do caminho em frente à medida que a costa se tornava visível por entre a névoa e a água ficava cada vez mais rasa. No meio daquele cenário destruído, pássaros negros agrupavam-se em bandos coesos. Corvos, cuja presença há muito que despertava medos de crueldade. O Lorde Adderly vira corvos perseguir homens até à guerra com a promessa de carnificina. Os pássaros a voar em círculos só podiam ser um mau prenúncio.

Um sinal de morte.

— Deus seja louvado — disse o tenente Christ, do lugar onde estava sentado ao lado do comodoro. — Serão os selvagens, comandante?

— Não. — Embora tivesse respondido com determinação, a verdade é que o comodoro não sabia. Ele lutara contra diferentes tipos de selvagens e, embora combatessem com um fervor pouco convencional, dificilmente seriam intrinsecamente cruéis.

— Os rumores falam de dentes afiados com pedras negras e olhos que se assemelham a lobos no escuro — prosseguiu o tenente Christ.

— Se calhar também acredita em histórias de monstros marinhos e sereias.

— Claro que não, comandante. Mas os homens que confirmam estes rumores estão lúcidos. São homens cristãos decentes.

O comodoro tinha poucas dúvidas quanto à integridade deles, mas confirmar a verdade por detrás da sua viagem teria lançado o pânico.

Talvez até mesmo motins.

O tenente Christ não sabia, mas eles tinham sido convocados ali através de uma correspondência da igreja, depois de vários sacerdotes não terem regressado com três bruxas acusadas. Sob os cuidados do Dr. Jack Stirling, as três mulheres tinham sido encaminhadas para um julgamento em Massachusetts. Havia suspeitas de que o médico

enlouquecera e fora possuído pelos mesmos demónios que se comprometera a expulsar das mulheres há alguns meses. O comodoro havia ouvido relatos terríveis de pacientes com veias negras, que tinham sido pendurados pelos pés, a jorrar sangue. Pacientes cujas bocas e olhos haviam sido cosidos e cujas línguas tinham sido decepadas. O comodoro e os seus homens tinham sido para ali mandados para investigar as alegações e, a julgar pelos avisos sinistros ao longe, receava o que iriam encontrar.

Já mais perto, o barco balançou nas ondas implacáveis e, quando as sombras se ergueram para revelar cascas de árvores carbonizadas, o Lorde Adderly respirou fundo, ignorando o cheiro gorduroso de carne queimada no ar. O cheiro familiar de morte.

Seis dos homens saltaram para fora do barco, arrastando a pequena embarcação pelas sombras e, já na costa, o Lorde Adderly pisou a terra profana para onde jurara nunca mais regressar. Percorreu a destruição impraticável com o olhar, questionando-se o que é que, sabe Deus, poderia ter motivado tal façanha.

Uma ilha inteira reduzida a cinzas.

O nevoeiro à volta deles intensificou-se, e o Lorde Adderly franziu o sobrolho quando este se instalou entre eles e a floresta queimada.

O tenente Christ aproximou-se dele.

— Comandante, peço desculpa por estar a pronunciar-me, mas não tenho a menor vontade de me aventurar para lá da costa.

— Cuidado com a língua — admoestou o Lorde Adderly, baixinho.

— Ou ainda originas um motim.

— Meu comandante! — gritou um dos homens, e o comodoro virou-se para vê-lo apontar para as árvores.

O Lorde Adderly seguiu o caminho indicado pelo dedo do homem em direção às sombras no meio do nevoeiro, vendo uma figura avançar na direção deles. O tinido audível dos homens a prepararem as armas ecoou à volta deles, mas, quando o vapor branco revelou a figura de um rapaz que estimavam ter apenas 12 anos, o Lorde Adderly deu um passo em frente.

— Baixem as armas.

Vestido com os trajes de um jovem acólito, o rapaz deu um passo aos tropeções, com a pele coberta de fuligem preta e as vestes manchadas

com aquilo que era incontestavelmente sangue. Antes de chegar junto ao comodoro e aos seus homens, o acólito caiu na areia.

Quando o Lorde Adderly avançou na direção dele e baixou um dos joelhos para se colocar à altura do rapaz, o tenente Christ ajoelhou-se aos pés do rapaz, onde as pequenas feridas que jorravam sangue na parte superior dos pés sugeriam que tinham sido perfurados por algum objeto afiado.

— Tenha cuidado, comandante. Não fazemos a menor ideia *ao que* ele foi exposto.

Cortes, hematomas e pedaços de carne reluzente em locais onde a pele tinha sido arrancada marcavam sinais de maus-tratos inqualificáveis.

A imagem dele fez o comodoro recordar o próprio filho, e ele combateu as lágrimas enquanto avaliava o estado do acólito.

— O que aconteceu aqui?

— Escuridão — sussurrou o rapaz, ofegante. — O céu... ficou escuro. Arderam todos.

O Lorde Adderly limpou o cabelo pegajoso e manchado de sangue do rosto do rapaz.

— Quem fez isto?

No meio da exaustão que escurecia os olhos do rapaz havia uma ponta de medo.

— Eles ordenaram as chamas. E as chamas seguiram as ordens.

— Quem ordenou as chamas? As bruxas?

Com um pestanejar lento, o rapaz expirou. Quando inspirou, o peito dele chocou como se fossem moedas numa taça pequena.

— Não foram as bruxas. Foram os vermes. Vermes pretos a saírem das bocas dos loucos.

Um silêncio abateu-se sobre os homens e as palavras do rapaz eriçaram os pelos na parte de trás do pescoço do comodoro.

O tenente Christ aproximou-se e, debruçando-se, sussurrou:

— O rapaz não parece estar bem, comandante. Está a falar de coisas malignas.

Ignorando o tenente, o comodoro pousou uma mão sobre o ombro esquelético do rapaz.

— És o único sobrevivente?

— Arderam todos.

Erguendo o olhar para o tenente Christ, o comodoro manteve o tom de voz firme apesar dos nervos que sentia.

— Vamos pegar no rapaz e voltar para o navio. Já.

— Não podes ir embora. — Uma tosse húmida e áspera fez escorrer um fio de sangue da boca do acólito. — Eles não vão permitir.

O comodoro franziu o sobrolho ao ouvir o aviso do rapaz e pôs-se de pé, ordenando que dois dos homens levassem o rapaz de volta para o navio.

— Comandante! — exclamou o timoneiro, em pânico, e o comodoro virou-se e viu-o avançar aos tropeções pela areia em direção a eles. — O navio! O navio desapareceu! Desapareceu!

— Nada tem a temer, comandante. — Sobrepondo-se ao pânico generalizado dos homens que se davam conta do bizarro desaparecimento, a voz fraca e quase fantasmagórica do rapaz chegou aos ouvidos do comodoro. — O seu navio nunca chegou sequer ali.

— Não compreendo as tuas palavras, rapaz.

— O comandante e os seus homens... chegaram com os padres... há vários dias. — Uma pieira carregada preenchia cada pausa, enquanto o rapaz parecia debater-se com a respiração.

— Estás a delirar. Eu fui chamado a vir aqui por correspondência da própria igreja.

Com as pálpebras pesadas, os lábios secos e rachados do rapaz esticaram-se num ligeiro sorriso.

— Agora está a sonhar. Mas em breve vai acordar com o som de uma fogueira crepitante e vai ver-se a si e aos seus homens atados a estacas. A sua pele vai ser queimada. E a sua dor e tristeza ecoarão para toda a eternidade. — Os olhos do rapaz tremeram até fechar e ele deixou escapar um silvo de ar, antes de o seu corpo ficar frouxo nos braços do comandante.

Um medo gélido prendeu-se à barriga do Lorde Adderly, e o cheiro a gordura e a pele queimada voltaram a obstruir-lhe a garganta. Fechou os olhos, encontrando consolo na escuridão total, e quando os primeiros sons de agonia atravessaram o ar, ele não se atreveu a abri-los.

Capítulo 1

Lilia

No tempo presente...

Céus, que pivete.

Carne de porco demasiado crocante crepitava numa frigideira enquanto eu cobria o nariz com o braço. Os estalidos intensos da carne gorda ouviam-se alto o suficiente para se sobreporem ao pedido sincero que o Jean Valjean fez ao Javert em *Os Miseráveis*, que estava em cena no teatro debaixo do nosso apartamento. Sem querer, tinha queimado os pedaços mais finos enquanto descascava as batatas, e já não havia salvação possível.

Seja qual for o talento que a minha mãe sempre havia tido para a cozinha, não mo passou nos genes.

Odiava cozinhar comida enlatada, mas ultimamente a minha mãe tinha desenvolvido um desejo estranho por carne, e os bifos finos e redondos que ela andava a gostar de comer malpassados tinham acabado. Não conseguia deixar de me questionar se os pedidos invulgares seriam um sinal do corpo dela a tentar ficar melhor.

Pelo menos, assim esperava.

Vê-la devorar carne malpassada com o sangue a escorrer pelos cantos da boca fez-me sentir como um telespectador num episódio sangrento do *Hostile Planet*. Uma visão capaz de me suprimir o apetite. Sobretudo porque a minha mãe nunca foi grande apreciadora de carne. Carne processada não se equiparava minimamente a um bife, mas o meu padrao Conner, se é que lhe podia chamar isso, tinha faltado uns dias ao trabalho e ficámos com pouco dinheiro para as compras.

— Bee! — gritei, chamando a minha meia-irmã mais nova. Bee era diminutivo de Beatrix. Em seguida, atirei a carne enlatada para cima dos pratos que já tinha separado. — Foste ver como estava a mãe, como te pedi?

— Oh, merda! — Ao praguejo seguiu-se o som de passos pesados, e eu abanei a cabeça, com um sorriso afetado. Aos 12 anos, cerca de menos quatro anos do que eu, ela tinha sobre si muito mais responsabilidade do que a maioria das miúdas da sua idade.

Tínhamos as duas.

A doença da minha mãe piorou. Imenso. E o facto de ela se recusar a consultar um médico para ser acompanhada só colocou mais pressão em cima de mim e da Bee para lidarmos sozinhas com a progressão dos seus estranhos sintomas. Embora continuasse a parecer lúcida, a minha mãe tinha os seus momentos. Momentos aterradores. Como nas noites em que me dizia que homens maus vinham buscar-me. Como nas noites em que ficava a escorrer suor e os olhos dela brilhavam como se tivesse assistido a terrores nunca antes vistos.

Ela chamava esses torturadores invisíveis de monstros, mas, na sua cabeça, eram tão reais como as covas pretas debaixo dos olhos dela. Se bem que, por mais horrível que fosse dizê-lo, com uma coluna vertebral torta, olhos prateados brilhantes e ossos salientes, ela começava a parecer-se com um dos monstros dos quais falava.

Eu nunca me tinha virado para as orações, mas, nas últimas semanas, já me colocara várias vezes de joelhos em súplica e, existindo um Deus, Ele seguramente não havia sido uma grande ajuda.

Enquanto servia o último pedaço de puré de batata à Bee, fui interrompida por uma pancada na porta. Franzi o sobrolho e coloquei novamente a frigideira em cima do fogão, limpando depois as mãos com um pano de cozinha que estava ali por perto. Com passos cautelosos, dirigi-me ao corredor e espreitei para a porta de entrada. Uma nova batida forte contraiu os meus músculos, e a audácia de quem quer que fosse o responsável por aquela batida incomodativa deixou-me o sangue a ferver. Aproximei-me da porta e, através do olho mágico, vi um homem que não reconheci.

Tinha uns olhos brilhantes, uma cicatriz no olho esquerdo e um nariz estranhamente torto, como se tivesse estado envolvido em demasiadas brigas. Parecia uma fotografia criminal ambulante.

Se há coisa que aprendi a viver numa cidade como Covington, é que nunca se abre a porta a estranhos. Sobretudo estranhos com ar de criminosos.

Ele voltou a bater com força na porta e eu cerrei os dentes, irritada.
— Sim? — perguntei, deste lado da porta. — O que quer?

A princípio, ele não respondeu, e vi-o olhar em volta, para o corredor. Havia qualquer coisa nos seus olhos escuros, dos quais apenas tive um vislumbre, e no sorriso afetado dos seus lábios que fez com que um arrepio percorresse a minha pele.

Que ar sinistro.

Olhei de relance para o trinco da porta para me certificar de que estava fechado. Infelizmente, o apartamento não tinha os trincos mais robustos, nem os mais eficientes.

— Sou amigo do Conner — disse o homem, por fim. — Ele está?

— Não.

— Sabes quando volta?

Sondar o rosto dele tornou-se desafiante, uma vez que o homem parecia recusar-se a erguer o olhar.

— Olha, eu não...

Ao ouvir o som de um grito estridente, a minha coluna endireitou-se e voltei a minha atenção para os quartos. Abandonando a ave rara do outro lado da porta, atravessei o apartamento a correr em direção ao raio de luz prateada que brilhava por debaixo da porta da casa de banho.

Luz... o primeiro sinal de que algo de errado se passava. A minha mãe tinha começado a odiar a luz. Dizia que lhe feria os olhos.

— Mamã! Não!

Um arrepio de medo desceu-me pelo pescoço quando ouvi aquilo que reconheci como o grito da Bee dirigido à minha mãe do outro lado da porta e entrei aos tropeções na casa de banho iluminada.

A minha mãe estava ao lado da banheira a fazer um estranho som gutural enquanto a água pingava para o chão. Dois pés cobertos com meias cor-de-rosa esperneavam do lado de fora da borda da banheira.

Oh, meu Deus.

Bee!

Fui assolada por ondas geladas de adrenalina enquanto corria em direção a elas e empurrava a minha mãe contra a parede.

Assim que se viu livre, a Bee levantou a cabeça da água, com a parte superior do corpo encharcada, e tossiu, soltando um ronco.

— Que raio estás a fazer?! — gritei para a minha mãe, cujos olhos projetavam um brilho iridescente quando iluminados pela luz.

A minha mãe soltou um guincho e avançou com toda a força, chocando comigo, para voltar a empurrar a Bee para dentro da água.

Uma sensação de pânico explodiu nos meus músculos e o meu corpo deixou de se mover por minha vontade, mas sim por instinto. Agarrei o cabelo da minha mãe e afastei-a da Bee. Fiquei com um punhado de madeixas ruivas na palma da mão quando ela escorregou do meu aperto e caiu de costas contra a sanita. Colocou-se novamente de pé com dificuldades e eu puxei a Bee para fora da banheira, escorregando nos azulejos molhados enquanto a puxava na direção da porta.

Já no corredor, fechei a porta atrás de nós e agarrei a maçaneta para a manter fechada.

— Vai para o teu quarto! Tranca a porta e *não* saias até eu te dizer! — ordenei.

— Eu estava... — Ela tossiu e fungou. — Eu só estava... só estava a tentar impedi-la... de beber a água e ela... atacou-me!

A porta bateu e o meu braço desequilibrou-se quando senti a minha mãe lutar do outro lado.

— Ela é um deles! Ela é um deles! — gritou a minha mãe, de dentro da casa de banho. — Não a deixes escapar! Ela vai contar-lhes que estou aqui!

— Vai! Agora! Tranca a porta! Não abras a porta, ouças o que ouvires! — Encostei os pés à parede e inclinei as costas na direção da maçaneta, mantendo a porta fechada, enquanto a Bee corria para o quarto dela.

Depois de mais um minuto a lutar para manter a porta fechada, as batidas pararam. E os gritos da minha mãe cessaram.

Com suspiros pesados, relaxei os músculos e endireitei as costas, deixando de sentir resistência do outro lado.

— Mãe? — perguntei, baixinho, através da porta, na esperança de que ela me desse uma resposta coerente. Uma explicação para o que raio tinha acabado de acontecer. Ela já falara sobre alguém que a perseguia, mas nunca projetara esses pensamentos paranoicos nem em mim nem na Bee.

Nem em nada.

Mas o cheiro enjoativo que acompanhara a doença da minha mãe parecia mais intenso do que nunca. Forte e pegajoso, obstruía-me a garganta, e levei o dorso da mão ao rosto numa tentativa fraca para abafar o cheiro.

Nos últimos meses, o odor floral adocicado da minha mãe, um cheiro reconfortante que conhecera a vida toda, tinha-se desvanecido sob o peso daquele pivete desconhecido.

Agora era o único cheiro que eu sentia.

Ignorando a vontade de vomitar, rodei a maçaneta e entrei na casa de banho.

A minha mãe estava deitada sobre a borda da banheira com o rosto mergulhado na água.

— Mamã! — Corri na sua direção, e, com um respingo de água, ela virou-se e desatou novamente aos gritos.

Tentei agarrar-lhe o braço, mas ela lançou o dela primeiro, acertando-me com os nós dos dedos na cara. A dor reverberou nos meus ossos e um conjunto de estrelas flutuantes toldou-me a visão.

Ignorei as tonturas quando ela voltou a lançar o punho e desviei-me. Desta vez, ela falhou o alvo, e sacudiu as mãos num acesso de raiva. Prendendo-lhe os braços com firmeza, cravei as unhas nos seus ossos frágeis, mas um ardor forte atravessou-me a mão no local onde ela enterrou os dentes na minha pele.

— Ai! Merda! — Empurrei-a para longe de mim e ela escorregou, agitando os braços enquanto caía de costas sobre a banheira. Quando tentei levantá-la, as mãos dela agarram-me a camisola, puxando-me na direção da água.

Um fluxo de água subiu-me às narinas, provocando um ardor forte, enquanto as mãos dela me mantinham debaixo de água, sem fraquejar. O pânico cristalizou-me os músculos. Água salpicava por todo o lado enquanto ela pontapeava freneticamente e me agarrava o pescoço.

Tentei agarrar a única coisa a que as minhas mãos chegavam naquele combate. Encostei a palma da mão à garganta dela e apertei com força suficiente para afrouxar o seu aperto, mantendo-a lá enquanto o meu rosto alcançava a tona da água num suspiro ofegante.

Ela voltou a submergir-me, juntamente com ela.

Apertei-lhe a garganta com mais força e, uma vez mais, a minha mãe afrouxou o aperto.

Cada vez que o ar me percorria a garganta para chegar aos pulmões, eu desatava a tossir convulsivamente.

Com um ar descontrolado, ela arranhou a parte de trás do meu pescoço numa tentativa de me mergulhar novamente.

— Mamã! Por favor! — Já com pouco ar nos pulmões, mal conseguia proferir as palavras à medida que os meus músculos se contraíam em torno do meu peito. As minhas pernas deslizavam pelos azulejos enquanto lhe prendia os braços para a impedir de me puxar para a água.

Mergulhada debaixo da água, a minha mãe abriu a boca e arregalou os olhos com um ar de choque.

Como se a sua energia para lutar tivesse acabado, ela manteve-se imóvel à medida que uma determinação perturbadora lhe perpassava o rosto, o que me enviou arrepios pelo corpo.

Afastei-me e pus-me de pé na banheira, largando-a, mas ela não se deu ao trabalho de emergir.

De certeza que o ar nos seus pulmões estava a diminuir naquele momento. De certeza que ela precisava de oxigénio.

Vá lá! Levanta-te!

Agarrei-lhe no braço para a puxar para cima, mas detive-me quando vi a sua boca aberta e uma criatura comprida, magra e fibrosa lhe atravessou os lábios e entrou na água.

Depois dessa, saíram mais três. Duas delas do nariz.

Um grito escapou de dentro de mim e o meu corpo ficou paralisado com o horror, enquanto observava as minhocas a rastejarem pelo chão de porcelana da banheira e a abrirem caminho pela água para se reunirem nos buracos do escoadouro. Pelos menos mais duas dúzias foram libertadas, atravessando a boca e as narinas da minha mãe. Depois dessas, seguiram-se ainda mais. Todas elas rastejaram até ao escoadouro.

A minha respiração manifestou-se sob a forma de pequenos suspiros ofegantes enquanto observava o cenário aterrador diante de mim.

Até a escuridão me ter consumido.

Capítulo 2

Lilia

Quatro anos depois...

— Lilia? — Uma voz atravessou o vazio.

Pestanejei para manter os olhos abertos e dei por mim debruçada sobre o ralo de um lavatório amarelecido.

— Terra chama Lilia — disse novamente a voz familiar.

Confusa, virei-me e deparei com a Jayda, a minha colega de trabalho, especada ao meu lado, pelo que me afastei do lavatório que tinha estado a limpar. Foi num estado de entorpecimento que me lembrei de ter estado a esfregar o lavatório, momento em que captei um cheiro estranho, mas familiar, um misto de podridão e terra. O odor era de tal forma intenso que me voltei a deixar levar pelas memórias.

Um sorriso acanhado prendeu-se-me nos lábios e pigarreei.

— Desculpa, devia estar no mundo da lua.

De vez em quando, acontecia. Havia qualquer coisa que despertava os meus pensamentos e estes levavam-me à recordação mais horripilante da minha vida. Uma recordação que conseguia sempre deitar-me tão abaixo que perdia a noção da minha própria realidade.

Tinham passado quatro anos desde a morte da minha mãe, mas, mesmo assim, recordava-me de todos os pormenores. Dos cheiros. Dos sons. Do frio.

— Estava mesmo agora a dizer que vou passar para o próximo escritório. — Com o antebraço a tapar o nariz, a Jayda tossiu. — Não sei que raio a última pessoa que cá veio comeu, mas, pelo cheiro, não me parece que seja uma coisa saudável. Por isso, vou deixar estas retretes todas para ti — disse ela, rindo-se.

Ainda com a cabeça na lua, agarrei o pano que tinha deixado cair ao chão e atirei-o para dentro do balde com espuma ao meu lado. A náusea habitual borbulhou-me na barriga, e tentei esconder o tremor dos

meus braços ao manter as minhas mãos ocupadas: limpando-as à minha farda e pegando no balde para avançar para o lavatório seguinte.

— És a maior.

Ela riu-se e encaminhou-se para a porta, mas depois parou.

— Tens a certeza de que estás bem? Pareces um pouco pálida.

— Estou bem. Muito bem. Estava só embrenhada nos meus pensamentos.

— Pensamentos *profundos*, ao que parece. A sério, não te importas que comece a limpar a outra sala? Lembrei-me de que podíamos despachar-nos mais cedo se déssemos à perna.

Esbocei um meio sorriso e encolhi os ombros.

— Não me importo.

Para dizer a verdade, eu odiava limpar as casas de banho, as salas dos pacientes e os escritórios, mas suspeitava que era o mais perto que chegaria de trabalhar num hospital a sério. O sonho de realizar investigação médica parecia cada vez mais distante à medida que o meu corpo se cansava da vida que levava. Com a minha idade, eu devia estar a terminar a licenciatura e a tentar decidir se fazia a prova de admissão à faculdade de Medicina ou se fazia a prova de admissão para um mestrado qualquer, mas tendo em conta as poucas cadeiras que conseguia encaixar no meu horário na faculdade por causa do trabalho, demoraria uma década a chegar a esse ponto da minha vida académica.

— Obrigada, miúda. Gravidez precoce e esgotos não combinam.

Regra geral, as casas de banho da cave do hospital tresandavam, mas o fedor que permeava o ar naquele momento estava particularmente forte.

— Eu entendo — respondo, incentivando-a a ir-se embora. — Sai daqui. Não preciso de ainda ter de me preocupar em limpar o teu vómito.

Ela riu-se, saindo da divisão, e, já quando me encontrava sozinha, deixei escapar um suspiro demorado e trémulo. As minhas mãos apoiaram-se em cada um dos lados do lavatório e fechei os olhos numa tentativa de aclarar a mente.

Gritos. Vermes pretos. Olhos vazios.

Abanando a cabeça, enterrei esses pensamentos nas sombras da minha mente, recusando-me a deixá-los consumir-me. *Não. Esta noite, não.*

O que parecia ser um débil salpico de água chegou-me aos ouvidos, e abri os olhos na direção do espelho, para ver as divisórias refletidas atrás de mim.

Na última, avistei uma coisa na qual não tinha reparado quando entrei pela primeira vez na casa de banho: uns pés com meias calçadas espreitavam por debaixo da porta.

Dei meia-volta e senti o coração a latejar com a descoberta chocante. Era possível ver, sem sombra de dúvida, uns pés de onde me encontrava.

— Está aí alguém? — perguntei, completamente consciente de estar, de facto, ali alguém. Acima dos pés, avistei a costura da familiar bata de hospital que todos os pacientes usavam.

Pacientes que não deviam estar a usar a casa de banho da cave reservada aos funcionários.

Chegou-me aos ouvidos outro débil salpico de água. Dada a posição dos pés, o mais provável era que a pessoa não estivesse indisposta naquele preciso momento, mas podia ter estado a vomitar.

— Precisa de ajuda? Porque posso ir chamar alguém, se precisar... — Apontei com o dedo por cima do ombro, como se a pessoa me conseguisse ver.

Continuei sem resposta.

Aproximei-me mais em bicos de pés.

— Está doente?

Continuei sem resposta.

Cheguei finalmente ao pé da porta da divisória e espreitei pelas fendas estreitas. Avistei cabelo ruivo comprido e desgrenhado, disperso sobre a bata de paciente, que estava aberta o suficiente para revelar umas costas pálidas e mosqueadas e roupa interior branca. Os membros apresentavam uma visível cor arroxeada irregular, sobretudo na perna e na mão.

A primeira coisa que me passou pela cabeça foi que se tratava de *livor mortis*, mas afastei esse pensamento.

Senti uma secura intensa na garganta e engoli em seco.

Por favor, espero que esteja bem.

Bati ao de leve na porta, reparando no seu balançar que indicava que estava destrancada, e rezei para que a pessoa protestasse, indignada, contra a minha invasão de privacidade.

A pessoa não disse uma palavra.

Empurrei a porta para a abrir.

A cabeça da mulher repousava mesmo abaixo da tampa da retrete, e aquelas madeixas de cabelo dispersas ocultavam-lhe o rosto.

Estiquei uma mão trémula e agarrei-lhe no ombro fino, apertando-o com força suficiente para a empurrar para o lado. Ela caiu de costas, batendo com a cabeça contra a parede da divisória e, assim que o cabelo se afastou do rosto, eu recuei um passo, aos tropeções.

O familiar brilho leitoso dos olhos da minha mãe fitou-me de volta.

Observei um movimento rápido pelo canto do olho e uma rajada de ar trespassou-me quando voltei para lá a minha atenção e avistei algo comprido, preto e rastejante a descer a retrete.

Um medo gélido imobilizou-me os músculos. Pestanejei uma vez. Três vezes.

Voltei a minha atenção novamente para a minha mãe. Outro ser rastejante e preto saiu-lhe dos lábios roxos e desceu a sua face cor de ameixa até ao chão de azulejo, começando a rastejar na minha direção.

Um grito escapou-me do peito e dei um salto para trás, caindo de rabo no chão.

O verme avançou na minha direção, rápido e determinado.

Mas, antes de me alcançar, desceu pelo ralo, que ficava a meio caminho entre mim e o corpo sem vida da minha mãe.

A pancada na porta lançou outro calafrio pelo meu corpo, e eu pus-me de pé enquanto a Jayda entrava na casa de banho.

— Lilia? Estás bem? Ouvi-te gritar.

Com o nariz a arder com a ameaça de uma enxurrada de lágrimas, abanei a cabeça, incapaz de formar palavras.

Ela franziu o sobrolho e avançou cautelosamente na minha direção, percorrendo a divisão com os olhos.

— Que se passa?

— Precisamos de chamar alguém — lá consegui dizer, apontando para a divisória.

— Chamar alguém? — Com uma expressão marcada pela confusão, ela virou-se para o local que eu indiquei. — Lilia? Estás bem?

Voltei novamente a atenção para a divisória e constatei que estava vazia. Não havia um único vestígio da presença de alguém.

— Eu, hum... — Senti a humilhação queimar-me as faces à medida que o choque de realidade se abatia sobre mim. — Eu... — A minha mente procurou um motivo, qualquer coisa que invalidasse a possibilidade de eu ter perdido a porcaria do juízo.

A Jayda passou por cima das minhas pernas e abriu a porta da divisória seguinte, soltando um grito, sobressaltada.

— Mas que raio!

A minha pulsação acelerou.

Ela também os teria visto?

Encostou o nariz ao braço, imitou o som de vômito e recuou um passo.

— Espera... eu vou... eu vou chamar alguém aqui. Espera só.

Franzi o sobrolho e levantei-me do chão enquanto ela saía da casa de banho, espreitando para dentro da divisória ao lado daquela onde tinha visto a minha mãe. Uma bola de pelo escuro com uma cauda lisa comprida flutuava à superfície da água da retrete. Uma ratazana.

Pelo menos, isso explicava o cheiro.

Suspiros ofegantes escaparam de dentro de mim e inclinei-me contra a parede da divisória, deslizando novamente em direção ao chão.

Um peso tremendo enfraquecia-me as pernas. Uma dormência fria pulsava pelos meus membros e peito. Não havia a menor dúvida de que estava a ter um ataque de pânico, porque uma sensação gélida e pegajosa tomou conta de mim, como se água gelada me estivesse a encher os pulmões, e eu tinha quase a certeza de que, se não estivesse sentada, teria desmaiado.

De olhos fechados, respirei pelo nariz em compassos de quatro segundos. Se abafasse o martelar de sangue nos ouvidos, conseguia ouvir a voz calma da Jayda enquanto fazia uma chamada para os serviços de manutenção.

Uma náusea crescente subiu-me pelo estômago até à garganta, mas contive a vontade de vomitar. Os ácidos biliares fizeram-me arder os seios nasais e fechei os olhos com mais força, respirando mais pesadamente pelo nariz.

Ousando levantar as pálpebras, fitei a divisória vazia e odiei-me por ter tido mais um episódio diante da minha colega de trabalho. Com os músculos fracos, pus-me novamente de pé e, felizmente, a náusea

anterior voltou a descer-me da garganta para o estômago. Concluí que ter respirado pelo nariz ajudou.

Agarrei no pequeno frasco que continha as cinzas da minha mãe que costumava trazer junto ao pescoço e que estava pendurado no antigo terço que ela guardava no bolso. Tratava-se de uma superstição parva que a minha mãe me havia contado uma vez. Ela usava sempre um anel da minha avó pendurado num colar. Quando lhe perguntara porque é que tinha por hábito usá-lo em todas as ocasiões, ela respondera que os mortos nunca faziam mal a quem transportasse alguma coisa que lhes tinha pertencido. Nem sequer acreditava em Deus, mas a minha mãe acreditava, e parte de mim sentiu-se compelida a usar o terço pela mesma razão.

Os meus músculos contraíram-se quando a porta abriu novamente de rompante.

A Jayda tinha acabado de entrar, guardando uma certa distância.

— Liguei aos serviços de manutenção. Já vêm a caminho. Estás bem? — A sua voz tranquilizadora fez-me lembrar a voz da minha mãe. Com 23 anos, ela era apenas uns anos mais velha do que eu, mas a vida parecia ter-nos envelhecido às duas.

— Acho que sim. Só estou... um pouco abalada.

— Não, querida. Quero saber se estás mesmo *bem*.

Eu sabia o que ela queria dizer. Hoje em dia, tudo parecia deixar-me com os nervos à flor da pele. Quem saberia o que tinha espoletado o episódio daquela vez. Talvez o cheiro. Talvez tivesse visto a ratazana e tivesse processado o incidente como uma coisa completamente diferente. Não era a primeira vez que isso acontecia. A Jayda já tinha assistido a alguns incidentes em que eu vira algo que não existia.

— Eu fico bem. — Estas três palavras tinham-se tornado o meu mantra nos últimos quatro anos.

Eu fico bem.

Na maior parte das vezes, eu ficara bem, excetuando as vezes em que alguma coisa espoletava recordações.

Ou em que tinha uma alucinação com a minha mãe.

Mas estaria eu efetivamente bem?

Acho que tinha de esperar para ver.

Capítulo 3

Lilia

Apanhar o comboio depois do trabalho já era de si uma porcaria. Mas apanhá-lo depois de ter visto a minha mãe morta no trabalho era no mínimo perturbador. Embora a Jayda me tivesse encorajado a sair uma hora mais cedo do que o habitual, eu fiquei um pouco mais só para não a sobrecarregar com o trabalho todo.

Não cheguei a contar-lhe sobre a alucinação, apesar de ela ser mais uma amiga do que uma colega de trabalho. E nas vezes em que *falei* sobre a morte da minha mãe, também não mencionei os vermes pretos que saíram da sua boca.

Sobretudo porque tinha o mau pressentimento de que também não eram reais.

Segundo o que afirmou o Conner, o pai da Bee, a minha mãe cortara os pulsos nessa noite. De acordo com a história que ele contou, a Bee tinha acabado por sair do quarto e dera comigo desmaiada no chão da casa de banho e com a minha mãe dentro da banheira com os pulsos cortados. Ela tinha então voltado para o quarto a correr e ligado ao Conner, e, quando ele regressara ao quarto, ela estava escondida debaixo da cama a tremer e a murmurar baixinho.

Contudo, havia uma falha na história. Uma falha que nunca havia sido explicada mesmo depois de anos a tentar recordar-me dos pormenores dessa noite. Não me lembrava de ver a minha mãe a cortar os pulsos. Recordar-me-ia decerto do momento exato em que presenciara tal visão tenebrosa.

Se bem que, quando eu insistira que tinha visto os vermes sair da boca dela, o Conner havia negado a presença dos seres e recitado o relatório do médico legista. Aí, ficara claro que a sua causa de morte se destacava de todos os outros pormenores sórdidos: *perda de sangue grave provocada por ato de suicídio*. Foi nessa altura que comecei a entrar numa espiral negativa e deixei de confiar em mim própria. Uma espiral em que a realidade e os pesadelos se confundiam.

Eu tinha consultado o nosso médico de família uns meses depois para falar sobre os vermes e ele debatera comigo, dizendo-me que nunca tinha ouvido falar de tal coisa. O que fazia sentido, diria eu, se tivesse sido uma invenção minha. Uma série de pesquisas no Google também não haviam produzido qualquer resultado conclusivo relativamente aos vermes, e todas as revistas médicas que lera sobre parasitas não mencionavam as complicações, nem a progressão dos sintomas que eu tinha notado no decurso da doença da minha mãe.

Não tinha outra alternativa a não ser aceitar que os vermes tinham sido um produto da minha imaginação. Afinal de contas, o trauma pode dar cabo da cabeça de uma pessoa.

Quando finalmente saí do trabalho, senti que tinha acabado de correr uma maratona mental. Continuava a não estar completamente lúcida e, como tal, a sensação de andar de comboio esta noite foi completamente diferente. Mais assustadora.

Pouco depois da meia-noite, a única linha aberta era a vermelha e, tirando a parte de tresandar a mijó, tinha poucos passageiros. As únicas pessoas que andavam na rua eram os drogados e os clientes que saltitavam de bar em bar, e alguns deles ficavam sentados a dormir ou no mundo da lua. Covington não era a pior cidade do país, mas decerto não era a mais segura.

Se bem que o fedor a urina misturado com o calor de julho era apenas uma pequena distração face à turbulência que atormentava a minha cabeça.

O problema era que eu dormia pouco. Na verdade, tratava-se de um círculo vicioso. Era atormentada por pesadelos terríveis que me mantinham acordada durante mais horas do que uma pessoa normal. O que significava que, por vezes, via coisas. E, por vezes, as coisas que via faziam com que fosse difícil perceber se estava acordada ou a dormir.

De olhos fechados, respirei fundo e agarrei o terço. Quando finalmente voltei a abri-los, apercebi-me do olhar lascivo de um homem mais velho sentado à minha frente. Devia ter 40 e poucos anos, a julgar pela barba cinzenta e cabelo grisalho. A pele pálida e branca indicava-me que ele apanhava pouco sol. Só havia mais uma mulher na caruagem, que devia ter os seus 60 anos e estava a dormir no canto.

Os outros doze passageiros que estavam espalhados pela carruagem eram homens.

A minha ansiedade social era herança da minha mãe, que sempre rejeitara a ideia de que as pessoas eram intrinsecamente boas. Aos olhos dela, todas as pessoas eram *serial killers* até prova em contrário, e, de alguma forma, uma pequena parte dessa paranoia tinha passado para mim ao longo dos anos.

Soltei o terço e enfiei a mão dentro do bolso para pegar na navalha que trazia comigo para todo o lado... até mesmo para a cama. Uma que tinha comprado para oferecer a mim própria há já algum tempo, quando decidira fazer o turno da noite.

Como se tivesse pressentido o meu desconforto, o homem mais velho baixou o olhar para o pingente que eu trazia ao pescoço. Preso por uma correia de contas pretas, as cinzas que continha constituíam a forma mais pura da minha mãe — a doença que a matou queimada por completo. Fui acometida por uma vontade de o agarrar novamente, de proteger a minha mãe dos olhares dele, mas, em vez disso, desviei eu o olhar, apesar de continuar a sentir o do homem pregado em mim.

A voz projetada pelo altifalante anunciou que a minha paragem era a próxima. Aliviada, levantei-me do lugar e, sem olhar para o homem, percorri rapidamente o corredor da carruagem enquanto o comboio parava. Assim que a porta abriu, desci para a plataforma vazia.

— Ei! — ouvi interpelar-me uma voz áspera e grave. — Ei, miúda!

Raio dos bêbedos. Aturava-os pelo menos três vezes por semana e, esta noite, não me apetecia levar com eles.

Ignorei-o e continuei a caminhar em direção à escada à minha frente, com o corpo todo a tremer e os nós dos dedos a arder por estar a agarrar a navalha com força dentro do bolso. Um clique do botão abriu a lâmina e ofereceu-me algum conforto, pois conseguia senti-la a atravessar o tecido junto à minha coxa.

— Ei! Miúda! — A voz soava mais próxima do que antes, mas não ousei virar-me para olhar para ele. — Para!

Com o coração a martelar-me o peito, corri para as escadas e, assim que cheguei ao primeiro degrau, um aperto firme no meu braço fez-me contrair os músculos. Quando me virei, vi o homem do comboio e retirei a lâmina do bolso, erguendo-a entre nós com a mão a tremer.

— Sugiro que me largue. Já.

Ele largou-me e, ao mesmo tempo, ergueu o meu saco de pano.

— Esqueceu-se disto.

Incidi o olhar no saco e depois novamente nele, atónita. A tensão nos meus músculos diminuiu e deixei escapar um suspiro trémulo. Agarrei no saco e enfiei a lâmina novamente no bolso.

— Obrigada.

O homem arqueou a sobrançelha farta.

— Mantenha-se em segurança.

Dito isto, virou costas, encaminhando-se novamente para a plataforma.

Depois de ele desaparecer, fechei os olhos e respirei fundo.

Recompõe-te, Lília.

O letreiro luminoso do Teatro Luminet lançava uma luz clara sobre o passeio enquanto eu descia Prather Street em direção à porta banal mesmo ao lado da entrada do teatro. O prédio onde eu crescera a minha vida quase toda, situado mesmo por cima do teatro, tinha sido construído nos anos 1920, na altura em que o teatro florescia na cidade. O próprio edifício era uma espécie de marco de Covington — o local onde o primeiro *serial killer* conhecido de Massachusetts havia deixado uma das suas vítimas, uma atriz famosa da altura, desmembrada no camarim. Apesar da sua infâmia e história, o edifício não fora bem preservado ao longo dos anos. Parecia-me que não devia haver dinheiro suficiente para o restaurar devidamente.

Subi a escada estreita e os ossos cansados dos degraus rangiam debaixo das minhas botas. Nem sequer o cheiro forte a bolor e a nafalina conseguia apagar o odor a mijó que continuava colado ao meu nariz. Quando cheguei finalmente ao apartamento, um medo intenso percorreu o meu corpo ao ouvir o som de vozes, sobretudo quando reconheci a voz do Angelo, o amigo do Conner. Ele aparecera lá em casa há quatro anos e colara-se como um sinal feio ao meu rabo, e era do tipo maligno.

— Não sei, meu. Esses tipos têm ligações ao cartel — disse o Conner, do outro lado da porta. — Tenho de pensar na minha filha.

A minha mãe tinha mantido contacto com o Conner antes de falecer, sobretudo por causa da Bee. Ele viveu connosco nos primeiros dois anos de vida da minha meia-irmã, até a minha mãe o ter expulsado e ele ter ido parar a Nova Iorque, onde viveu com alguns colegas de casa num bairro manhoso qualquer. Dois anos antes de a minha mãe adoecer, ele concordou em mudar-se novamente para a nossa casa para dar uma mão e para tentar criar uma relação com a filha. Tendo em conta que eu nem sequer era adulta quando ela morreu, o mais provável era termos sido mandadas para uma família de acolhimento, uma vez que, segundo o que me era dado a saber, a minha mãe não tinha familiares. Às vezes o Conner era um cretino, mas, pelo menos, tinha-nos mantido juntas.

— Porra, são mil dólares. Olha à tua volta — respondeu o Angelo.
— Não estás propriamente a viver uma vida de luxo.

De vez em quando, já depois de a minha mãe ter morrido, os dois juntavam-se num negócio de fachada que o Conner alegava ser não mais do que a venda de peças de metal velhas que tinham arranjado. Não acreditava minimamente nisso, não desde que os vi aos dois a darem um enxerto de porrada a um homem no beco atrás do nosso apartamento. Sempre que falava no assunto, seguia-se uma discussão, que terminava com o Conner a dizer-me para me meter na minha vida.

Não me agradava de todo, e detestava o Angelo. O tipo era uma cereja podre e cheia de bolor no topo de um bolo estragado.

Franzi o sobrolho e, quando entrei no apartamento exíguo, deparei-me com o Angelo sentado numa das cadeiras da cozinha e com o Conner a beber uma cerveja ao lado dele.

O Conner endireitou as costas, provavelmente surpreendido por me ver em casa meia-hora mais cedo do que o habitual.

— Olá, Lil, que se passa? — Perto dos 40 anos, o Conner estava num estado lastimoso, com as suas mãos e camisola manchadas de óleo, como habitual, graças à oficina onde trabalhara nos últimos seis anos.

Já o amigo dele, com um ar um pouco mais arranjado, emanava um cheiro que me fazia lembrar uma mistura entre terra enlameada e uma loja de materiais de construção. À medida que bebia a sua cerveja, os olhos pequenos e negros do Angelo fitavam-me, enquanto eu mantinha a distância.

— Tive um problema de trabalho com os serviços de manutenção.
 — O meu olhar alternou entre o Conner e o Angelo e subi mais o saco junto ao meu braço. — Encontrei uma ratazana morta numa das sanitas.

— Boa. — O Conner riu-se e bebeu outro gole demorado.

— Admira-me que não a tenhas trazido para casa para servir de jantar — disse o Angelo, com o lábio semicurvado em forma de sorriso.

— Se soubesse que estavas aqui, teria trazido.

O lábio dele estremeceu. O Angelo não gostava de ser desafiado, sobretudo se fizesse figura de otário por causa disso.

— Acho que o teu papá precisa de fazer alguma coisa para controlar essa boca ordinária. — O significado oculto das palavras dele levaram-me a lutar para conter a repulsa.

— Tem lá calma. — O Conner, burro como uma porta, deu um pontapé suave na cadeira do Angelo mesmo quando o brutamontes estava a levar a cerveja à boca. O líquido salpicou para cima do seu colo, e o olhar fulminante que ele lançou ao Conner parece ter impelido o meu padrasto a colocar-se de pé. — Não precisas de ser idiota.

— Os bons modos são um conceito desconhecido para os imbecis — retorqui, antes de conseguir impedir-me. Infelizmente, o Conner não tinha coragem de fazer frente ao amigo se ele retaliasse, por isso, a minha resposta torta não foi propriamente uma decisão inteligente da minha parte.

O Angelo lançou-me um olhar fulminante, mas não se deu ao trabalho de dizer mais nada, felizmente.

O Conner pegou num prato de papel de cima da bancada ao seu lado, contendo uma única fatia de pizza.

— Guardei jantar para ti, Lil, caso tenhas fome. — Ele atirou o prato para cima da mesa, diante do Angelo, e o impacto empurrou o queijo para o lado de tal forma que, ao vê-lo, perdi o apetite.

Não que tivesse grande apetite, de qualquer forma. Não quando estava sempre a recordar aqueles vermes na minha cabeça.

O telemóvel tocou, interrompendo o olhar fulminante do Angelo. O Conner atendeu. Depois de proferir a palavra «Sim» algumas vezes, desligou a chamada.

— Foda-se! Raio dos pássaros! A Callaghan está a queixar-se de que o cimento está cheio de merda outra vez.

Os pássaros da minha mãe. As gaiolas grandes instaladas no telhado do apartamento albergavam cerca de vinte espécies de pássaros diferentes: sobretudo pombos e pardais. A Winnie, nossa vizinha e amiga da minha mãe, que vivia num apartamento ao fundo do corredor, oferecera-se para tomar conta deles depois da morte dela, mas nem sempre limpava a porcaria que eles faziam.

— Peço desculpa. Tem sido uma semana preenchida. Eu limpo.

— Não, não há problema. Ela também quer que vá ver a pia da cozinha dela. — Além de trabalhar na oficina ao cimo da rua, o Conner foi nomeado o faz-tudo informal do prédio e, em contrapartida, descontam-nos cem dólares do valor da renda. — Volto já — disse ele, e pousou a cerveja em cima da bancada antes de passar por mim.

Parecia que, nos últimos tempos, a viúva Callaghan andava a ligar-lhe muitas vezes, e seria preciso eu estar em coma para não perceber que algo se passava entre os dois. Não é que isso me importasse, tirando a parte de odiar ficar sozinha com o Angelo.

Depois de ele desaparecer, a expressão do amigo iluminou-se, e o odor a cigarros baratos encheu a cozinha.

— Não se pode fumar aqui.

O canto dos lábios dele enroscou-se para cima num sorriso tão dissimulado que até me senti nauseada.

— Anda apagá-lo. Desafio-te.

Revirei os olhos e dirigi-me à pia para me servir de um copo de água, passando por ele, uma vez que, de repente, sentia a garganta seca. Teria ido direta para o meu quarto, mas tinha receio de que ele me seguisse até lá. Era melhor ficar mais perto das facas da cozinha.

— Porque estás aqui a esta hora? — Olhei para trás e, quando o apanhei a olhar para o meu rabo, uma onda de bílis ácida subiu-me pela garganta. Bebi o copo de água, contendo a vontade de lhe dar um raspanete.

— Pequena gatinha Lily — disse ele, ignorando a minha pergunta. — Já não és tão pequena, pois não, gatinha?

— Não me chames isso.

— Porque te incomoda? Tens um namorado ou algo do género? — O som da gargalhada dele quando não lhe respondi deixou-me os nervos em franja. — Não. Claro que não tens namorado. Os homens são uns sacanas, não são?

— Basicamente.

— Já alguma vez tocaste num? Numa pila, quero eu dizer.

Abanei a cabeça e pousei o copo dentro da pia. Tinha ultrapassado oficialmente o meu nível máximo de paciência. Mas, quando me virei para ir embora, ele estava de pé atrás de mim, encurralando-me contra a bancada.

— Uma menina tão bonita como tu. Parece-me que já deves ter tocado em bastantes pilas.

Empurrei-o para longe da pia para passar por ele, mas o Angelo encostou o corpo ao meu e os alarmes começaram a disparar na minha cabeça.

— Deixa-me ir embora, nojento do caralho. — Cerrei os dentes e afastei o braço das mãos dele.

Umhas unhas afiadas raspavam-me a garganta e eu fiquei imóvel, rangendo os dentes com a raiva que sentia, enquanto ele se debruçava na minha direção, como se fosse atrever-se a beijar-me.

O olhar dele incidiu nos meus lábios, ele sorriu e o seu hálito tre-sandava a cerveja e a cigarros.

— Às vezes, imagino a minha pila coberta com o teu sangue e isso deixa-me duro. — Uns olhos frios e pretos passaram dos meus lábios para os meus olhos, e o sorriso no rosto dele esmoreceu. — Incomoda-te quando digo isso?

Mordi o interior da bochecha para controlar o tremor do meu maxilar. O tipo aterrorizava-me, mas recusava-me a admitir isso à sua frente. Algo me dizia que o medo o excitava.

A *faca*. A porcaria da faca estava guardada no meu bolso, mas eu estava a tremer tanto que o mais provável era deixá-la cair antes de conseguir dar-lhe um golpe.

— Se não me largares já, eu desato aos berros.

— *Eu desato aos berros* — imitou ele, em jeito de gozo. — Grita, então. Achas que alguém neste bairro se importa? — Ele deu uma passa no cigarro e soprou o fumo para a minha cara.

Com os lábios fechados, girei o máximo que o aperto dele permitia, recusando-me a inalar o fumo.

— Se não fosse por mim, o teu cota estaria neste momento a afogar-se em contas para pagar. Sou eu que mantenho a tua irmã na porra

daquela escola de charlatões. E é graças a mim que não és obrigada a dar esse cuzinho jeitoso nas ruas para pagar a faculdade.

Após a morte da minha mãe, a saúde mental da Bee deteriorou-se rapidamente. Ela entrara no tipo de depressão que me obrigava a ir ver o estado dela a meio da noite e a ligar para a escola durante o dia. A minha psicóloga tinha sugerido uma escola privada — a Bright Horizons, que dava primazia às questões da saúde mental — e oferecera-se para avaliá-la durante o processo de admissão. A Bee havia sido aprovada com mérito e até conseguira um auxílio financeiro simbólico para cobrir uma parte da propina. Eu e o Conner dividíamos o restante — um contributo relutante da parte dele, tendo em conta que considerava que a saúde mental era uma treta pegada. O imbecil teve o descaramento de dizer-me isso uma vez, e eu jurei que foi preciso uma grande dose de autocontrolo para baixar o braço e não lhe dar uma bofetada.

Não podia arriscar-me a atizar a ira dele. Precisava que pagasse parte da propina dela, por isso, irritá-lo estava fora de questão. E foi por essa razão que fiquei no apartamento minúsculo por cima do teatro, a fazer um turno da noite miserável e a frequentar o menor número possível de aulas em cada semestre da faculdade pública.

E a ter de aturar o Angelo, claro está.

— Espero que não nos estejas a arrastar para o cartel. — Foram palavras ousadas da minha parte, e arrependi-me no momento em que as disse.

Com os dentes à mostra, ele apertou a minha garganta com mais força e a pressão ampliou a pulsação rápida que me latejava no pescoço. Não o suficiente para me fechar completamente a traqueia, apenas o suficiente para me pregar um cagaço.

— Achas-te muito espertinha, não achas? Que *pequena cientista promissora* esfrega manchas de merda das sanitas? Hã? Hã?

Comecei a arranhar-lhe os dedos com as unhas, recusando-me a deixar transparecer no meu rosto o medo que gorgolejava dentro de mim. Com uma palma da mão ainda a esmagar-me a garganta, enquanto a mão com que ele segurava o cigarro me agarrava a cintura, ele olhou para baixo, lendo as palavras «Memento Mori» da tatuagem desenhada no meu antebraço.

— Tu és uma daquelas gajas sinistras que fantasia sobre a morte a toda a hora, é isso?

Não era de todo isso. Na verdade, a tatuagem era um lembrete de que devemos ser humildes, mas o que sabia aquele asno sobre humildade?

— Larga-me.

O Angelo riu-se e soltou o meu maxilar.

Finalmente livre, afastei-me o mais que pude dele, e o meu corpo continuava a tremer com o incidente.

Ele esmagou o cigarro na minha fatia de pizza dilacerada. Não que a fosse comer, uma vez que tinha o estômago às voltas e bÍlis a queimar-me a garganta. Lançando-me um sorriso escarninho, ele saiu da cozinha. Nem um minuto depois, a porta fechou-se, anunciando a saída dele, e eu deixei escapar um suspiro.

Recompõe-te.

Depois de atirar a pizza para o caixote do lixo, dirigi-me ao quarto. Já lá dentro, fechei a porta com força e encostei a testa à superfície, deixando que a adrenalina causada por aquele confronto horrível com o Angelo diminuísse enquanto combatia as lágrimas.

Odiava-o. Odiava que o Conner permitisse que ele estivesse na minha presença. Odiava o quanto me sentia fraca com ele por perto. Vulnerável.

Respirando fundo algumas vezes, acalmei o ritmo acelerado do meu coração. *Ele já foi embora. Está tudo bem.*

Posto isto, virei a atenção para o meu quarto, o meu santuário, repleto de livros, velas, pequenos frascos de ervanária cheios das minhas ervas secas favoritas e de sais celulares, que me foram oferecidos pela Glinda, a dona da loja homeopática do meu bairro. Um lugar que passara a frequentar quando a minha mãe adoecera.

Pousei os sacos ao lado da cama e dirigi-me ao roupeiro, de onde retirei uma pequena caixa de joias da prateleira de cima. Quando a abri, deparei com um conjunto de objetos sem qualquer relação entre si, pequenos tesouros que colecionara nos últimos dois anos. Ossos de um pardal há muito morto, a pena vermelha de um cardinal, que a minha mãe sempre me disse que era um presente dos anjos, um osso da costela de um esquilo e seis dos meus dentes de leite num frasco

minúsculo com tampa de cortiça. Debaixo de todos esses objetos estava uma fotografia minha e da minha mãe, tirada antes de a doença dela ter tomado conta do seu corpo, um dos travessões da Bee com uma abelha amarela e branca, moedas e pedras invulgares que eu apanhara e um cristal que a Glinda me oferecera para proteção.

Guardei o terço dentro da caixa e depois fechei-a e coloquei-a novamente na prateleira de cima. De seguida, descalcei os sapatos e deitei-me na cama, exausta. Precisava de dormir um pouco. Afinal de contas, tinha uma reunião com o meu professor de manhã cedo.

Há duas semanas, redigira um trabalho para a minha cadeira de Microbiologia. Um estudo de caso. Embora fosse suposto ser uma obra de ficção, o objetivo do trabalho era escrever sobre uma doença *fictícia*, e eu tinha aproveitado a oportunidade para escrever sobre a doença da minha mãe. Serviu para me libertar da culpa, na verdade, uma vez que pôr os acontecimentos no papel me ajudou a perceber que o facto de eu ter sido a principal cuidadora da minha mãe nas semanas que antecederam a sua morte foi completamente disfuncional. Ela recusara-se a consultar um médico e recusara veemente que eu a levasse a um hospital, por pior que estivesse.

Em vez de detalhar o suicídio na parte final, decidi escrever sobre os vermes. Achei que não faria mal, tendo em conta que não eram reais. Nesse trabalho encantador, referi-me à doença como Síndrome do Verme Preto e, ao que parece, o pequeno estudo de caso tinha-me valido uma reunião com o meu professor logo pela manhã, antes da aula.

Não mencionara o nome da minha mãe no estudo. Nem sequer me tinha referido a ela como minha mãe. Ela sempre fora aquilo que considero ser uma protetora implacável da sua privacidade. Apesar de ter apenas 16 anos na altura, não conseguia deixar de me sentir um pouco culpada pelo seu rápido declínio. Por não ter insistido para que ela fosse fazer um exame quando as coisas começaram a piorar e ela começou a ver coisas que não eram reais.

Sobretudo se isso a tivesse conseguido salvar.

Do outro lado do quarto, em cima da minha escrivaninha improvisada com pilhas de caixas de madeiras e contraplacado, estava pendurado um quadro que a minha mãe tinha pintado uns anos antes de ter

adoecido. Uma paisagem marítima e um carvalho com ar antigo, cujos ramos curvados suportavam um pequeno baloiço. Sempre me trouxe uma sensação de paz — um lugar tão diferente deste apartamento miserável nesta cidade miserável. A certo ponto, cheguei a perguntar-lhe se ela alguma vez lá tinha estado.

«Num sonho», foi a sua resposta.

Uma mágoa cresceu-me no peito enquanto agarrava numa fotografia tirada dois anos antes de a minha mãe adoecer e que estava afixada na parede ao lado da minha cama e me mostrava a mim, à minha mãe e à Bee. A minha mãe sempre tivera um brilho especial, mas, nesse dia, o brilho estava ainda mais acentuado enquanto o Sol refletia nas suas madeixas de cabelo cor de vinho. Ela possuía a beleza de uma chama descontrolada, destrutiva e bravia.

Toda a vida me disseram que eu era a cara chapada dela.

Nunca tive a oportunidade de ser impulsiva e bravia. Sempre me senti mais como aquelas chamas nas lareiras elétricas, uma chama falsa contida pelo vidro, sem grande potencial para fazer o que quer que fosse. A vida tinha-me aprisionado assim que ela adoecera e, de certa forma, não conseguia libertar-me dessas amarras.

Embora a Bee também tivesse herdado alguns dos traços dela, parecia ter as feições muito mais parecidas com as do Conner. Ao passo que os meus olhos e os olhos da minha mãe eram verde-azulados, os dela eram cor de avelã, como os do pai. Ao contrário da Bee, eu nunca conhecera o meu pai. Segundo a minha mãe, ele era um imprestável, por isso nunca tive grande interesse.

Também ao contrário de mim, a Bee tinha um papo por cima do olho direito, um cisto dermoide com o qual tinha nascido — uma fonte de insegurança para ela desde que tinha idade para começar a frequentar a escola, onde os idiotas dos colegas faziam troça disso. Infelizmente, a minha mãe nunca teve dinheiro para mandar extraí-lo, por isso ainda lhe deformava um pouco o olho, apesar de, ultimamente, ela parecer já não dar tanta importância ao assunto.

Enquanto observava a minha família pequena, mas desfeita, uma sensação de medo serpenteante contorceu-se dentro de mim.

Ajudem-me!

Mamã, não!

Gritos distantes ecoaram pelos meus pensamentos e fechei os olhos, abanando a cabeça.

Não, não. Não olhes. Não olhes.

A escuridão regressou novamente ao fundo da minha mente e deixei escapar um suspiro trémulo, voltando a abrir os olhos. Um leve tremor na minha mão abanava a fotografia à medida que a minha respiração abrandava.

Tem calma. Já passou.

Prendi novamente a fotografia na parede e tirei as algemas pretas que mantinha escondidas debaixo da cama. Eram mesmo algemas de BDSM, que fui obrigada a comprar numa *sex shop* há uns tempos. Depois de prender uma das algemas à estrutura de metal da minha cama, parei por instantes para me certificar de que o Angelo não tinha decidido regressar para me importunar novamente. Só ouvi os sons tranquilos do apartamento: o zunido do ar condicionado instalado na janela da sala de estar, os carros que desciam Prather Street e a música abafada do teatro abaixo do apartamento enchiam o quarto pequeno.

Sentindo-me mais tranquila, enfiei a faca debaixo da minha almofada e prendi a outra algaema ao meu pulso. Eram feitas apenas de velcro, por isso, caso fosse necessário, poderia soltar-me rapidamente. Era a única coisa que efetivamente me impedia de ter um ataque de sonambulismo, mesmo que não fosse a solução mais segura. Já tentara medicação, mas, uma vez que não tinha seguro de saúde, isso já não era uma opção. E tendo em conta o número de vezes que dera comigo a deambular fora do apartamento, cheguei à conclusão de que precisava de fazer alguma coisa. Por mais estranho que parecesse, as algemas funcionaram, e só me via obrigada a colocar uma algaema, uma vez que, por norma, acordava com o chocalhar da amarra contra o metal. O que era bom.

Tinha a sensação de que iria ter uma noite agitada.

Capítulo 4

Lilia

O professor Wilkins estava sentado à minha frente com o seu habitual olhar austero e indecifrável. Ao contrário dos gabinetes dos meus outros professores, o dele era impecável, com cadeiras de pele da cor do vinho, uma secretária em madeira robusta cor de cereja e um armário da mesma cor e material, lâmpadas que emitiam luz natural e estantes de livros instaladas na sua retaguarda. O gabinete condizia com a personalidade dele, uma vez que era provavelmente o único professor que eu conhecia na Faculdade Comunitária de Covington que usava um lacinho todos os dias e falava como se estivesse num filme a preto e branco do Cary Grant.

Ao fim de um minuto a arrumar alguns trabalhos que estavam espalhados em cima da secretária, ele entrelaçou os dedos e ergueu o olhar na minha direção.

— Menina Vespertine... em relação ao trabalho que elaborou...

Uma dor aguda no lábio inferior lembrou-me de que era melhor parar de o morder. Tratava-se de um mau hábito que ganhara quando tentava impedir-me de roer as unhas.

— Professor, posso... estou metida em problemas? Só quero esclarecer já isso. Arrancar o penso rápido, por assim dizer.

Ele reclinou-se para trás na cadeira, fitando-me por instantes.

— Não. Não está metida em problemas, de forma alguma.

Soltei um suspiro mais descontraído e larguei os braços da cadeira, que estava a agarrar com força.

— Que alívio.

— Menina Vespertine, o trabalho que escreveu estava muito interessante. Fascinante, diria até. A menina parece ter um conhecimento formidável sobre o organismo *fictício* sobre o qual escreveu. Os vermes que descreveu parecem horripilantes.

Fechei os olhos e vieram-me à memória aqueles vermes a saírem da boca da minha mãe na visão que eu tivera na noite anterior.

Sofrera pesadelos terríveis a noite toda enquanto via os vermes rastejarem pelo chão e saírem de dentro de bocas.

— Diria que tenho uma imaginação fértil.

— Fiquei curioso em saber o que aconteceu ao sujeito que foi objeto de tratamento no seu trabalho.

— Como assim, professor?

— Não chegou a incluir o desfecho da situação na conclusão. Apenas o curso da doença, a progressão dos sintomas e as suas observações. — Ele uniu os dedos e recostou-se na cadeira, com um brilho preocupado no olhar.

— Bem... tendo em conta que eu não propus uma cura para a doença, não achei relevante mencionar o destino da paciente.

— E porque não propôs uma cura?

Encolhi os ombros e pigarreei.

— O trabalho consistia apenas em escrever sobre uma doença fictícia e descrever o seu impacto na fisiologia humana.

— E fez precisamente isso, de modo brilhante. Tão brilhante que me sinto obrigado a perguntar-lhe como se lembrou desta doença em particular?

Será que haveria outra pessoa que tivesse escrito a mesma coisa? Não percebia porque é que ele decidira convocar uma reunião para me fazer estas perguntas.

— Como assim, professor? Invenstei a doença. O professor disse que não estava metida em problemas, mas, ainda assim, sinto que está a acusar-me de alguma coisa.

A tensão nas suas feições suavizou-se e soltou um risinho, abanando a cabeça.

— Perdão. Não estou a acusá-la, menina Vespertine. — Ele suspirou e olhou novamente para mim. — O organismo sobre o qual escreveu não é fictício. Embora entenda que existem milhares de parasitas, os sintomas que descreveu são indicativos desta espécie em particular.

Uma onda de choque latejou dentro do meu peito, e a minha mente retrocedeu para reproduzir as suas palavras.

— O-o que é que disse? — perguntei, com um tom de voz debilitado.

— Disse que o organismo que descreveu no seu trabalho não é fictício. *Existe* na realidade.

Existe. É real.

Não foi inventado na minha cabeça. Não. Não pode ser.

— Está a gozar?

De lábios cerrados, numa linha, ele abanou a cabeça.

— Não teria convocado uma reunião por causa de uma piada.

Mas só podia ser. Passei anos a ouvir que era um produto da minha imaginação. O que me levou a acreditar que aquilo que eu tinha visto havia sido causado pelo trauma do suicídio da minha mãe. Demorara algum tempo, mas eu tinha acabado por aceitar a explicação. A mentira que a minha cabeça contara para proteger o meu coração porque, caso contrário, o suicídio da minha mãe fazia pouco sentido. Ela amava-me demasiado a mim e à Bee para se deixar declinar dessa forma, para terminar com a vida de uma forma tão macabra.

Tudo desmoronou dentro de mim, quebrando-se como ramos frágeis que me prenderam a uma verdade qualquer.

A notícia era validadora e assustadora na mesma medida.

— Não vai encontrar a doença em nenhum manual ou pesquisa na Internet. — O professor Wilkins interrompeu o emaranhado de pensamentos na minha cabeça. — Isso é porque a investigação continua em curso e, na verdade, é confidencial.

— Confidencial? Parece-me que algo capaz de infetar outro ser humano deve ser divulgado ao público.

— Já lhe respondo a isso. — Ergueu uma pilha de trabalhos que estava colocada ao seu lado e eu li o título do meu estudo de caso, que ele imprimira. — Depois de ler o seu trabalho, submeti-o a uma colega minha para que ela o analisasse. Chama-se Loretta Gilchrist. É professora de Entomologia e chefe de departamento na Faculdade de Ciências Naturais da Universidade de Dracadia. Conhece essa universidade?

A universidade chique e cara à qual eu me candidatara no verão antes do meu 12.º ano, quando fazia tenções de me vir a tornar advogada, apesar de ter noção de que não seria aceite. Sim, era-me familiar. E, como é óbvio, eu tinha sido rejeitada. E ainda bem, porque só mais tarde tomei a decisão de mudar de licenciatura e descobrir a cura para a doença complexa que destruiu a minha mãe.

— Sim, já ouvi falar. É uma faculdade de Direito, certo?

— Sim, têm uma faculdade de Direito. Mas são bastante mais reconhecidos pela investigação médica.

— Bem, quer dizer, são demasiada areia para a minha camioneta, pelo que faz sentido eu não estar a par.

— Eles são muito seletivos no que diz respeito aos candidatos. A faculdade, como sabe, é bastante prestigiada. Já passaram por Dracadia diversas figuras proeminentes. — Ele endireitou os ombros para trás com um ar de orgulho a colorir-lhe a expressão. — Foi lá que me formei.

Por mais que, sendo isto verdade, lhe quisesse perguntar porque é que estava a dar uma cadeira de Microbiologia geral na faculdade comunitária, mantive-me de bico calado.

— Tal como suspeitava, a Dra. Gilchrist ficou bastante impressionada. — Ele estendeu o braço em direção à secretária e pegou num envelope preto, entregando-mo. — Ao que parece, ela partilhou o seu trabalho com o diretor de admissões, o Dr. Langmore, que me pediu para lhe entregar isto.

Franzi o sobrolho, aceitei o envelope sem destinatário e virei-o, constatando que tinha sido lacrado com cera dourada e ostentava um carimbo com um «D» numa caligrafia antiquada.

— O que é isto?

— É para si. Abra. — A habitual austeridade, que lhe conferira a reputação de ser intragável, transformou-se em algo completamente invulgar nele. O homem ostentava um sorriso tonto, e o brilho de entusiasmo nos seus olhos deixou-me simultaneamente curiosa e preocupada.

Rasguei o lacre de cera e encontrei outro envelope lá dentro, só que esse tinha o meu nome escrito numa magnífica caligrafia dourada. Abri o envelope e deparei com um pergaminho grosso, dobrado em terços perfeitos. Um carimbo marcava a parte superior da página com a mesma letra «D» impressa na cera.

Estimada menina Vespertine,

Em nome da Universidade de Dracadia, é com todo o gosto que lhe ofereço uma matrícula na Faculdade de Ciências Naturais. A nossa universidade orgulha-se da sua excelência académica e da sua inovadora

investigação médica. Acreditamos que as suas credenciais, juntamente com a recomendação do Dr. Wilkins, fazem de si a candidata perfeita para o nosso programa de licenciatura.

Com a bolsa académica que oferecemos para o semestre de outono, todas as despesas relativas a deslocações, manuais e alojamento ficarão pagas.

Caso decida aceitar este convite, o comboio da meia-noite que parte de Covington Park transportá-la-á até à cidade portuária de Thresher Bay, no Maine. Lá, terá de apanhar o ferryboat para a ilha de Dracadia.

A matrícula está pendente da conclusão da sua inscrição. Aconselho-a a iniciar sessão na sua conta de aluna, que tomei a liberdade de criar para si, para que possa inscrever-se nas aulas de outono. Aproveito para a lembrar de que as aulas começam no início de setembro.

Devido à natureza competitiva das nossas admissões, pedimos-lhe que nos contacte com a maior brevidade possível para nos informar sobre a sua decisão. Pode enviar-me qualquer pergunta ou preocupação que tenha para o meu endereço de e-mail e/ou número de telefone indicado abaixo.

Aguardo a sua resposta com expectativa.

*Com os melhores cumprimentos,
Gilbert Langmore
Diretor de Admissões*

*LangmoreG@dracadia.edu
Número do gabinete: 555-721-3699*

Fiquei a olhar para a carta, provavelmente com a palavra confusão escrita na testa, enquanto lia excertos da mesma pela segunda vez.

— Eu não... eu não entendo. Negaram-me a admissão. E, quer dizer, com toda a lógica, uma vez que esta universidade é inacessível para mim. Isto não faz qualquer sentido.

— Já se tinha candidatado ao programa de ciências médicas deles?

— Não. O meu plano inicial era ir para Direito. Mas mudei de ideias.

— Bem, parece que eles também reconsideraram. Embora não esperasse que a minha conversa com a Dra. Gilchrist resultasse na sua admissão, devo dizer que, a nível académico, a menina possui as aptidões certas, menina Vespertine. Não se equivoque quanto às suas qualificações. — As palavras estavam marcadas por uma sensação de entusiasmo, que, de alguma forma, não conseguiu despertar qualquer emoção em mim.

— Agradeço as suas palavras, mas... esta carta oferece-me um semestre. Não tenho dinheiro para pagar uma universidade destas. Vejo-me à rasca para pagar a propina de Covington.

— Um semestre *com a oportunidade de continuar*. A universidade orgulha-se da sua retenção e do sucesso académico. Suspeito que a avaliarão no final do semestre e farão nova oferta.

Ainda com a carta numa das mãos, esfreguei a zona tensa na parte de trás do meu pescoço.

— Desculpe. Não quero parecer mal-agra-decida, mas receber uma carta de admissão desta forma parece-me pouco... oficial?

O entusiasmo visível na expressão dele atenuou, transformando-se em determinação.

— Uma vez que a menina não concorreu por si mesma, talvez o Dr. Langmore tenha sentido que, caso tivesse enviado a carta para sua casa, podia não ter sido levada a sério.

Era verdade. Caso tivesse recebido um convite tão elegante destes em casa, enviado pela universidade que rejeitara previamente a minha admissão, o mais provável era ter pensado que se tratava de uma burla e tê-lo deitado fora.

— Menina Vespertine, tente compreender que, entre investigadores e, em especial, entre candidatos a carreiras médicas, Dracadia recebe mais de *trinta mil* candidaturas todos os anos. A taxa de aceitação deles situa-se nos dois e meio por cento. Muito abaixo de Yale, Harvard, Stanford e Princeton. Isso corresponde a *menos* de mil alunos.

Eu sabia fazer contas. Se me *tivesse* candidatado a ciências médicas na universidade, as minhas hipóteses de ser aceite sem a recomendação do professor Wilkins eram exceccionalmente baixas. Provavelmente impossíveis.

— Esta universidade... fica mesmo *em* Dracadia? — Uma pequena ilha ao largo da costa do Maine, se a geografia não me falhava.

— Sim, fica.

Esfreguei o pescoço com mais força.

— Julgo que a sua bolsa inclui despesas de alojamento e deslocações.

Uma nova leitura da carta confirmou a inclusão do alojamento e das deslocações. Dracadia era uma daquelas zonas que, à semelhança de Martha's Vineyard, eu sempre assumira ser um destino de verão para os ricos. O custo de um só semestre na universidade deveria ser ridículo — um pensamento que continuava a fazer com que o convite parecesse um pouco difícil de engolir.

— Como é que eles tiveram acesso aos meus excertos recentes e resultados académicos?

— Enquanto entidade privada, não são obrigados a analisar cada candidato por meios tradicionais. Podem oferecer-lhe uma bolsa simplesmente porque gostam do seu nome. E, acredite em mim, é algo que acontece.

— Para uma universidade que se orgulha da retenção e do sucesso académico, isso não parece uma decisão sensata.

Ele acenou com a cabeça, soltando um pequeno suspiro de frustração.

— Compreendo a sua apreensão. E quiçá incredulidade. Permita-me que regresse à sua pergunta sobre o organismo e a investigação. A Universidade de Dracadia é a responsável pela investigação, menina Vespertine. O organismo em questão chama-se *Noctisoma*. Trata-se de um parasita que existe predominantemente na ilha e raramente afeta humanos. Trata-se apenas de não sermos um hospedeiro muito fiável, e nem todos os físicos conhecem o organismo como patógeno *humano*. E é por isso que considero interessante que a menina saiba tanto sobre este assunto, tendo em conta que quase nunca é diagnosticado fora de Dracadia.

Não é um patógeno humano típico.

— Talvez seja apenas coincidência.

— Não me parece. A forma como descreveu os patógenos a serem expulsos da boca do paciente é bastante indicativa, segundo percebi do que me disse a Dra. Gilchrist. No início do ano, disse-me que estava

interessada em encontrar a cura para a doença que vitimou a sua mãe. Não foram essas as palavras que usou durante a apresentação?

Foram, sim. Não sabia que ele as tinha memorizado.

— Não quis estar a investigar o que a fez adoecer. Contudo, se o paciente do seu estudo de caso for verdadeiramente a sua mãe, seguramente não desperdiçaria a oportunidade de frequentar a única universidade autorizada para estudar este parasita específico. Mesmo que fosse só por um semestre. Não acha que vale a pena arriscar para ter as respostas às suas perguntas?

Sim. Vale. Estive atrás de respostas a minha vida toda. Respostas que os médicos e os especialistas que fiz questão de contactar não conseguiram dar-me.

— O que torna este organismo capaz de infetar humanos?

— A evolução, claro. Mas é necessário um veículo de transmissão. Para dizer a verdade, não sou especialista neste parasita, pelo que não consigo responder a essa pergunta, mas há um especialista em Noctisoma na Universidade de Dracadia. O professor Bramwell. Ele dá aulas de Neuroparasitologia e anatomia macroscópica e é certificado em patologia anatómica e forense. Também é ele que realiza autópsias aos indivíduos suspeitos de terem contraído Noctisoma.

Bramwell. Memorizei o nome.

— Foi o meu trabalho que me conferiu a admissão?

— Aposto que sim. Como disse, era bastante impressionante e demonstra o seu vasto conhecimento na matéria. Na verdade, em relação a vários temas: parasitologia, bem como fisiologia e investigação. — Ele levantou-se da cadeira e retirou uma fotografia da estante atrás de si. Fitou-a por instantes antes de a colocar na secretária. A fotografia exibia uma versão bem mais jovem do professor diante de um edifício de pedra velha, com cúspides pontiagudas que faziam lembrar a Catedral de Notre Dame. — Por experiência própria, posso afirmar que, depois de frequentar a Universidade de Dracadia, nunca mais vai querer sair de lá.

Os vermes existiam. Não eram produto da minha imaginação. Eram reais.

E havia uma universidade especializada no seu estudo.

A possibilidade parecia impossível. Um sonho que se misturara com as recordações e os pensamentos mais perturbadores e que

tinha resultado em algo completamente inacreditável, como uma Universidade da Ivy League estender um convite a uma rapariga que mal tinha dinheiro para pagar o bilhete de autocarro até lá.

— Posso pensar?

— Claro que sim. Mas o primeiro semestre começa depois do Dia do Trabalhador. Eu não demoraria muito tempo. Foi como disse, estas vagas são poucas e raras.

Um sentimento de nostalgia peculiar e inexplicável tomou conta de mim à medida que fitava novamente a fotografia.

— Compreendo. E obrigada, professor. Agradeço a sua confiança.

MORTUI VIVOS DOCENT OS MORTOS ENSINAM OS VIVOS

Depois de ver a mãe sucumbir a uma misteriosa doença, Lília Vespertine promete a si mesma que há de encontrar a cura para o mal que lhe levou a mãe e abandonar a maldita cidade onde vive.

Quatro anos depois, Lília é admitida na Universidade de Dracadia, uma das instituições mais antigas e prestigiadas do país. Localizada numa ilha remota ao largo da costa do Maine, dela se ouviam rumores de ser assombrada pelas almas dos pacientes com distúrbios mentais que para ali tinham sido enviados séculos antes. Aqueles de cujos ossos se dizia serem compostas as costas de areia branca da ilha.

Ao lá chegar, Lília depressa percebe que o que mais a assombra não são esses espectros inquietos, mas sim Devryck Bramwell, conhecido na universidade como Doutor Morte, um patologista brilhante responsável pelo Laboratório da Meia-Noite e o seu incrivelmente atraente professor, com um aparente desprezo por caloiras perspicazes e dono de um olhar sombrio e enigmático revelador de um desejo proibido.

ELA DESEJA A AUTORIDADE DELE.
ELE ANSEIA POR REDENÇÃO.
JUNTOS, SÃO TÓXICOS.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-982-7



9

789895 839827